

## TIM MAIA

... derrepente, as porradas...

Estava sentado no sofá novo, de cuequinha, vendo o Falabella. Fazendo hora. Relaxadinho. Tarde quente, um calor de matar, ar refrigerado desligado, economia porca. Derrepente, as porradas. Paulo chegou calado (o seu jeito de sempre), silencioso, da cozinha. Na mão, o pano de prato, o da estampa do cozinheiro gorducho de bigodes, vermelho. Deixou a torneira aberta, dava para escutar. Não falou nada. Começou a me bater com o pano de prato como chicote. Logo passou a me espancar com as mãos abertas, sem prestar atenção a onde batia (acho que estava de olhos fechados, que alguns tapas se perderam no ar). Cabeça, cara, olho boca, cara, ombro, cara de novo, sempre de cima para baixo, como um ventilador. Os braços subiam e desciam, e eu aterrorizado, me defendendo como podia, encolhido no canto do sofá branco. Me chutou também, muito. Sentia as unhas dele na canela, os pisões de cima prá baixo... Fui pego de surpresa. Foi um choque - Isso nunca tinha acontecido!... Bateu até ficar ofegante, suado... Afinal, acho que cansou de bater, e ficou parado, com os braços caídos nos lados do corpo, corpo um pouco arqueado pro meu canto. Fechei os olhos, achei que estava tomando fôlego e que ia acabar me matando de tanto bater. Não vi quando voltou para a cozinha, e nem vi fechar a porta. Engraçado, só conseguia escutar a torneira correndo água. Fiquei um tempão encolhidinho, enrolado, quase um feto. Depois de um tempão, me aprumei, sentei de novo, e aí comecei a sentir dor, estava com tudo doendo. Cruzei com cuidado as pernas, estava até sentindo falta de ar. Os olhos estavam desfocados, via muitas estrelinhas, muitos pontos brilhantes, cometinhas. Fechei os olhos. Na cozinha, nenhum som, só a torneira correndo água. Abri e fechei os olhos, e depois fiz força para fixá-los na televisão. Olhei para o relógio do videoplayer – consegui ver que tava quase na hora do Tim Maia. Aos poucos consegui me recompor, mas a cabeça parecia que ia estourar – e eu sabia que não era só de dor. Meu Paulo não era disso, nunca tinha levantado a mão prá mim. Comecei a me examinar. Sangue na boca, dentes moles, os dois da frente, porra!!! Canelas esfoladas, joelho inchando, quente, molinho, uma dor do cacete. A mão, vermelha do meu sangue!! Senti alguma coisa pegajosa por baixo da coxa esquerda. Olhei. Merda!!! Era sangue, meu sangue!!! No sofá branco novo, novinho em folha!!!! E eu tinha sugerido pro Paulo que comprasse um daqueles com tratamento especial, plástico, que era lavável, mas como sempre a opinião dele prevaleceu: éramos dois adultos, cultos, de bons hábitos, etc. e não íamos sair emporcalhando nosso sofá novo. Além disso, o tal tratamento (concluiu o Paulo com ar superior) encarecia, quase dobrava o preço do sofá. A opinião dele sempre vencia...

Agora, olha só a merda feita!!! Mancha de sangue é foda para tirar, ainda mais em pano branco! Olhei para o relógio do vídeo. Tava na hora de ligar o vídeo prá gravação do show do Tim Maia (se havia uma coisa que eu e Paulo concordávamos em gênero, número e grau era nosso amor, nossa fissura pelo Tim. Tínhamos tudo dele, íamos a todos os seus shows, recortávamos reportagens, fotos, tudo que saísse... O Paulo até roubou uma toalha enxarcada de suor do Tim, na única vez que conseguimos chegar ao seu camarim. muitas vezes nos amamos esfregando a toalha, que nunca tivemos a coragem de lavar, imagina só!!!)

Esse era um show imperdível, não dava pra não gravar. Liguei o vídeo e tirei o som. Não ia dar esse mole, esse gostinho pro Paulo – lá na cozinha, ele ia pensar que, por causa da sua grossura insuportável e maluca, da sua sacanagem sem nome, deixei de gravar o Tim de propósito, e então ia ter que sair de lá (só barulho da torneira, água rolando. A conta ia pras estrelas esse mês). Não é que só gostássemos do Tim. Eu, por exemplo, me amarro também na Cássia Eller, e sempre que pegava alguma coisa dela nas revistas, um pôster, uma entrada, o Paulo, brincalhão, muito carinhoso, dizia coisas como: “Ô minha bicha babaca, bicha que junta coisa de mulher acaba virando o disco...” ou “Olha ela de novo recortando a fotografia de seu maridão...” Eu ria muito, e sempre sacaneava ele quando recortava as raríssimas fotos ou notícias do Hyldon ou do Cassiano que, pro Paulo, era o máximo do som, junto com o Tim: “a alma do soul-funk brasileiro”, ele diz, “Dois gênios sacaneados a vida toda, brasileiro é uma besta, não entende nada de som!...”. E eu, “Então o meu pretinho tem outros homens além de mim, hein?” E ele, “Homem, você, bicha safada?”

Agora, eu com medo de me olhar no espelho prá encarar o estrago feito, eu com um sofá branco novinho em folha todo cagado de sangue, um chão de sala respingado, eu sem saber se desligava o vídeo e foda-se o mundo e o Tim Maia!, eu com dor no joelho, joelho latejando e inchado, eu com dor nos dentes da frente, com dor de cabeça, com dor de olho, unha do dedo rachada, dor no cu!!! e putro da vida com o Paulo, que nunca, nunquinha, tinha me encostado um dedo sequer!... Enfim deixo o vídeo ligado, sem som, com a imagem do Tim, engraçada, cantando sem som. E a banda, a Vitória-Régia, por trás parecendo um teatrinho de fantoches... Tudo me doendo, o peito doendo, uma vontade puta vontade de chorar, de me debulhar, me esvair em lágrimas, de gritar, xingar FILHO DA PUTA, VIADO ESCROTO, PRETO FILHO DA PUTA, CRIOULO DESGRAÇADO FEDORENTO, QUE QUE TUPENSA QUE É, VIADÃO, BICHA BICHA BABACA, TA PENSANDO QUE VAI FICAR ASSIM TE ENFIO PORRADA TAMBÉM BICHA PAULINHA PAULINHA VIADA, BUNDEIRA DE MERDA FILHO DA PUTA TE ENFIO A FACA VÔ TE CORNEAR COM O PRIMEIRO QUE EU ENCONTRAR BICHA BICHA BIIIIICHHAAAAAAA.

Mas tenho compostura, não vou me rebaixar prum viado qualquer. Além do mais, ele tinha que se explicar primeiro, essa loucura, nem que fosse meu dono ou meu patrão. Não dependo do Paulo, ganho minha grana honestamente, tenho um cargo de futuro no meu trabalho. Todo mundo gosta *muito* de mim. E olha que por ele dispensei coisa muito boa, muito melhor!... Olho pro Tim, tá de amarelo, todo de amarelo, menos o sapato, branco. Sorri. Faz cara feia prá Vitória toda. Assim sem som, parece uma grande manga, um mangão, um mamão papaia madurinho... Levanto com cuidado, prá não manchar mais ainda. Vou pro quarto, direto pra janela. Fecho a janela, baixo a cortina, acendo a luz, ligo o ar no máximo, “NO MÁXIMO, SEU VIADO FILHO DA PUTA”, só prá sacanear o filho da puta pão-duro do Paulo, e rio baixinho. Abro a gaveta da cômoda. Pela porta do quarto aberta, ainda dá prá ouvir a água, que está me deixando maluco, com vontade de ir à cozinha abrir no chute a porta, fechar a torneira, e encarar com raiva o Paulo. “FILHO DA PUTA VIADO ESCROTO, FECHA ESSA PORRA DE TORNEIRA!!!!!! AGORA, VIADÃO!!!!!!” ou então fechar a torneira no grito e quebrar na cara dele o primeiro prato que encontrar. Dar com a frigideira na cara dele, prá fuder aquele nariz, aquele nariz... Mas tiro a porra da cueca manchada

de sangue (meu joelho dói muito agora, o sangue está esfriando) e joga no canto do quarto. Pego na gaveta três toalhas de rosto, duas vermelhas e uma branca. Dobro uma das toalhas vermelhas, ponho em cima da banqueta da penteadeira, me sento. Encho a outra toalha vermelha com a loção aftershave do Paulo, a do aniversário, só pra sacanear. Gasto quase metade! Limpo o sangue do rosto com a toalha, a gengiva, o peito, a barriga, que estou um caco, meu Deus! Olho roxo, sangue na gengiva, dente mole, o filho da puta acabou comigo! COMO É QUE VOU POR A CARA NA RUA ARRASADO ASSIM??? ACABOU COM O NOSSO FIM DE SEMANA, O PUTO!!! Esfrego de novo o sangue que pingou no peito, esfrego bem (Devia tomar um banho de banheira, quentinho, mas não saio do quarto até que aquele MONSTRO venha se desculpar, me pedir perdão de joelhos, LAMBER MEUS PÉS, ENTRE OS DEDOS). Começo a chorar sem lágrimas, que não consigo chorar com lágrimas, nunca nunca. Os soluços me sacodem um pouco, e minha imagem fica um pouco embaciada no espelho. Deixo o aftershave fora do lugar, deitado, só pra sacanear o Paulo. (Devia deixar o vidro aberto, espalhar o líquido em todo quarto, menos na cama, deixar o vidro de cabeça prá baixo na penteadeira, equilibrado no gargalinho, fuder com o verniz da penteadeira com o aftershave, só prá sacanear). Dá ainda prá ouvir a torneira, a água correndo. Mais nada. Enrolo as toalhas vermelhas e também joga no canto do quarto, sei que ele nem vai reparar, o desleixado. Enrolo a toalha branca, faço um travesseirinho, coloco bem na beirinha da cama de casal, que não quero nem encostar nele quando ele vier me pedir perdão, e me deito de lado, nu, no cantinho, bem no cantinho, e nada vai me tirar daqui até o Paulo me pedir perdão bem pedido e explicado. Vai ter que me explicar essa merda toda.

O show do Tim Maia deve ter rolado mais de metade... Choro sem lágrimas. Penso se o meu “Faça você mesmo”, o livro que ganhei do Paulo no Natal, tem alguma dica para tirar mancha de sangue de sofá. Deve ter. Amanhã eu consulto. Choro mais um pouquinho, merda, e chego mais pra beirinha da cama. E a merda da água continua a correr, correr, correr...

FIM